

Jonas Leite

# Itinerário do Tempo



Pedro & João  
editores

# Itinerário do Tempo



**Jonas Leite**

# **Itinerário do Tempo**

Prêmio de Literatura da  
Prefeitura Municipal de Campina Grande

Financiado com recursos da Lei 14.017/2020 - Lei Aldir Blanc

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Jonas Leite**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

Jonas Leite

**Itinerário do Tempo.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 173p.

**ISBN: 978-65-5869-210-2 [Impresso]**

**978-65-5869-211-9 [Digital]**

1. Poesia. 2. Mitos. 3. Tempo. 4. Amor. I. Título.

CDD – 800

---

**Capa:** Rafael Efreem

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

## NA FÍMBRIA DAS PALAVRAS

*À travers les mots passait encore un peu de jour.*

Maurice Blanchot

O livro *Itinerário do Tempo*, escrito pelo poeta, professor e amigo Jonas Leite, vem a público num momento em que a reflexão e a contemplação poéticas ganham novo fôlego por causa do isolamento social, que se tornou medida sanitária protocolar nesse contexto de pandemia da COVID-19. Assim, ter tempo para ler, ter tempo para refletir e ter tempo para resistir, em certa medida, também se tornaram regras protocolares para não adoecer, para não ser reduzido ao ordinário e poder ressignificar o tempo que se amontoa em nossa existência com bastante resiliência. No entanto, o tempo da poesia é outro, que responde por outra lógica a esses mesmos estímulos, sem também se dissociar da atualidade.

Acompanho o processo de criação poética de Jonas Leite desde 2008, quando nos conhecemos entre cigarros, álcool e muita música comprada a R\$ 2,00 numa *Jukebox* disponível no bar da finada Rose, localizado no Açude Novo, Centro de Campina Grande. Desde então, tenho testemunhado uma produção incessante e uma felicidade apropriada, e inquieta, à interlocução aberta de sua criação artística. Talvez, por isso, a autocrítica e o distanciamento analítico de seus poemas resultaram de forma eficiente na reanálise de versos, vocábulos e efeitos melódicos imprecisos, garantindo-lhe sobremaneira a subserviência intelectual ao feito estético, que é uma aptidão tão necessária à elaboração de uma obra poética.

De tudo sempre conversamos, sexo, droga, relacionamento, política, viagens... Mas, quando a noite se prolongava, era o universo regente das artes e da literatura que nos enlevava, especialmente. Jonas sempre teve uma facilidade que muito me invejava e cativava, paradoxalmente, para recitar poemas decorados, inteirinhos. Sobre o assunto, eu tenho impressão que a calibragem do álcool sempre lhe favoreceu a inflexão, o aparato articulatório e as próprias cordas vocais, toda vez que de forma indelével recitava Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Maria Teresa Horta, Lúcio Lins, Orides Fontela, Roberto Piva, Cícero Dias e tantas outras raridades de nosso apreço, que eram lidas ou recitadas de cor em nossas madrugadas etílicas. Ali, o tempo era suspenso como se nada pudesse importunar sua majestade, a poesia; somente a luz do dia, implacável como sempre, trazia com ela a certeza de todos os compromissos ordinários pendentes.

Assim, de forma oblíqua o tempo presente nesse itinerário poético convida-nos à suspeição de suas próprias coordenadas. O tempo que se inscreve nesse espaço possui um percurso de estímulos visuais, sonoros, sinestésicos, que, não sendo cronológico como o tempo de chegada da comida solicitada pelo aplicativo, aduz o leitor para outro lugar, com outra atmosfera, de suspensão do próprio tempo retido nas horas e nos minutos. O *Itinerário do Tempo* é um poema completo, mas cada poema pode ser lido separadamente. No entanto, surgem uns poemas sem títulos que criam no conjunto da obra a engrenagem de uma narrativa simbólica, que atravessa todo o poema como uma composição plástica, que se faz de outros poemas, como nas pinturas de Giuseppe Arcimboldo.

Com efeito dramático, a alternância de estado de espírito da voz lírica favorece a leitura dos poemas como narrativa simbólica, que se pode ler: por metáforas, ícones, imagens verbais, índices, em cujos estados de espírito estão presentes e encadeadas todas as emoções disfóricas e eufóricas deste

relato do isolamento. Até me arriscaria a concordar com a sagacidade de um amigo nosso, o professor Jackson Cícero, ao perceber que há nesse labor poético propensão à análise dos regimes diurnos e noturnos de acordo com os *schèmes* das *Estruturas Antropológicas do Imaginário* (1975), de Gilbert Duran. Por meio de um recorte gestual e performático, a voz lírica atua no isolamento de um distanciamento social que lhe favorece a dramatização dos espaços afetivos da casa, de seus cômodos, de seus móveis, de seus hábitos, como lugar familiar de proteção e abrigo contra as “coisas estranhas” do mundo lá fora, que são desconhecidas e podem por isso mesmo ser bastante perigosas.

Rapidamente, verifico que a atmosfera construída pelos poemas reunidos nesse *Itinerário* é crepuscular como a aurora ou como o ocaso do sol. E conquanto a emissão lírica transite obstinada de um estado de espírito a outro, sem demora retorna circunspecta à primeira letra no papel vazio, de onde moléculas de gás e luz expandiram o universo criativo do poeta: *A cinza do dia / Emula estrelas / No céu preto* são os versos que iniciam a obra. Uma luz que freme no firmamento quando emula as estrelas, cobrindo-as como uma aplicação esmaecida, que está ali, mas que logo sumirá no mata-borrão do firmamento, porque a luz anuncia um outro tempo, uma outra página, um outro poema.

Então, acabo de ler esse *Itinerário do Tempo* nesta manhã iluminada de sol e percebo que, nele, há uma narrativa simbólica insculpindo com luz uma alegoria da vida, em um complexo de matéria arranjada de onde cintila a existência lírica de dias tão perturbadores. De poema em poema, de folha em folha, percebo uma liga poética que revela o sujeito da criação, animando-o como fotografias que capturam (sem prender) o que é naturalmente dinâmico: *Um feixe de luz / Entrou pela janela / Rompendo a decisão / De me fechar no quarto. / Ele ficou, perseguiu a dança do sol / Até que a noite apagou / Sua pequena revolução.*



Eis aqui um processo orgânico de criação poética que surge com esse feixe de luz, após emular as estrelas e rasgar o véu do firmamento. Esse feixe atravessa a matéria translúcida do vidro e, como uma explosão de átomos, se instala frenético no quarto (ventre fecundo), como um membro vibrátil do próprio sol. Esse feixe de luz é a pena do poeta que desenha a letra e atrai outras letras, convidando-as a se juntarem umas as outras. Todas elas amalgamam-se em palavras, em versos e em ritmos pausados, explorando o silêncio anterior à primeira sílaba emitida, cumprindo sua pequena revolução chamejante e anunciando *pari passu* o próximo poema, o primeiro com título: *Monet*.

O *Itinerário do Tempo* é um livro de poemas repleto de plasticidade. Espaço de cores, luz e sombra. Mas, também, é um espaço abissal de vazios e silêncios. E, assim, porque *Há sempre uma névoa / Ou um pano fino / A sabotar a transparência dessa manhã*, sou conduzido poeticamente a enxergar (que é mais do que ver!) a opacidade do mundo exterior; a questionar imediatamente a verdade do que vejo e do que sou. Os objetos e a experiência descritível são borrões de realidade que me faz lembrar com nostalgia a Tabacaria de Álvaro de Campos, exatamente quando o poeta enuncia: “*Estou hoje dividido entre a lealdade que devo / À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.*”

Assim também acontece nesse *Itinerário*, quando o poeta afirma: *Naquilo que não distingue, imagina*. E assim também, como um jogo de percepção, *É quase uma clarividência / Ultrapassar o mundo exterior*. É como voyeur que assumo essa contemplação de intimidade poeticamente compartilhada, quando me é apresentado o ambiente descrito nos poemas, o dentro da casa: os retratos, os gatos e a rotina visível iluminada por essa manhã que suspende o tempo. Por isso, torno-me íntimo

também daquilo que me é dado a contemplar: *Hoje acordei primeiro / E dormias plácido: / Braço elevado / Axila à mostra.* Com estranha alegria, dou conta de que não existe palavra fora de lugar. E mesmo a ausência de título em muitos poemas parece-me oportuna, como um encadeamento suspenso de sentidos. O vazio do papel ajuda nesse mergulho interno abissal... A emissão lírica penetra essa existência questionadora, operando uma descrição cerebral de tudo que lhe é exterior, num jogo ambíguo que exhibe a angústia subjetiva, que é interna, passível de ser apreciada numa imagem verbal: *Sem saber se excedo ou falta / Espero: gota e mar.*

Então, o desafio de ler esse *Itinerário do Tempo* é o de sorver cada verso como uma medida questionadora do que é dado a ver. A realidade se impõe intransponível! Muitas vezes, sou conduzido a validar o que vemos nesse relato de intimidades, mas rapidamente sou advertido que a memória não pode ser um repositório de todas as experiências acumuladas ao longo da vida. E por ser disjuntiva, a memória seleciona lembranças enigmáticas de nossa própria experiência. Em “Recuperação da Infância”, leio: *Preciso voltar à casa / E ver se consigo me ver novamente / Correndo pelo corredor (...).* Nesse poema, a ação de “voltar à casa” é uma necessidade autoanalítica de se reconhecer num passado irrecuperável. Porém, a mágoa que atormenta a voz lírica, tão consciente de si, precisa ser superada ou ressignificada no próprio tempo. É preciso enfrentar essa dor tensionada por tanto tempo e cindi-la de uma vez para sempre: *Quem sabe não deixo lá / A mágoa desse tempo / E dessa idade.*

Jonas Leite é um poeta que sabe o que quer do ofício que defende nesse *Itinerário do Tempo*. Embora muito pouco tenha de metalinguagem, a poesia encontrada nesta publicação é plástica e movente, como uma poética urdida de luz. A emissão lírica é inquieta, porque condensa

inconformações em quase todos os poemas. A melodia é contida e dispensa as rimas. Bordeja-se intermitentemente um objetivo que não se alcança. Por esse motivo também, esse poema fala da incompletude do ser: *No começo Sísifo pensou / Maneiras de escapar / Mas percebeu logo / Que a eternidade / É um pavor que os homens / Só desejam por não poderem ter.* Jonas Leite escreve esse *Itinerário do Tempo* como se dissecasse os sentidos dos objetos, como numa anatomia do desejo presente e pulsante, que é ao mesmo tempo intransigente e selvagem. Mas sabe ele que tais fenômenos precisam ser acolhidos em palavras... palavras de uma poética do isolamento urdida de luz e contenção. O que mais posso dizer? O poema é lindo, busca a precisão verbal de sua própria realização e confiança que não existe palavras para tudo. O livro está pronto e este é o momento de seguir sua natureza de livro e significar em outras leituras, em outros tempos, em outras circunstâncias.

Ricardo Soares  
Campina Grande, 10/12/20.

|

*A Cinza do dia  
Emula estrelas  
No céu preto.*



Um feixe de luz  
Entrou pela janela  
Rompendo a decisão  
De me fechar no quarto.  
Ele ficou, perseguiu a dança do sol  
Até que a noite apagou  
Sua pequena revolução,  
Maquiou o intransponível  
E conformou minha resolução.



## **Monet**

Há sempre uma névoa ou um pano fino  
A sabotar a transparência dessa manhã.  
E meu olhar embaciado  
Adivinha contornos, formas, cores.

Naquilo que não distingue, imagina.  
E nesse jogo contemplativo  
É quase uma clarividência  
Ultrapassar o mundo exterior.





A chuva à minha janela  
É real e obedece às leis naturais.  
Está no seu tempo e faz seu papel,  
Mesmo que um ou outro resmungue  
Por ter que adiar qualquer coisa banal.

A chuva à minha janela é real  
Tão onipresente à minha vista  
Que tudo aqui dentro  
É menos do que qualquer gota lá fora.



Suspendeu-se o tempo,  
O ar,  
O som.  
Mudificaram-se as bocas  
E o pavor adivinhou-se nos olhos.

Nada conterà o avanço daquela noite  
No desfile de dias que teimarão em raiar,  
Até que na fímbria do horizonte  
Surjas novamente.



### **Recuperação da Infância**

Preciso voltar à casa  
E ver se consigo me ver novamente  
Correndo pelo corredor.  
Quem sabe não deixo lá  
A mágoa desse tempo  
E dessa idade.



### **Anatomia do Silêncio**

A poeira harmoniza-se à paisagem doméstica  
E sobre o pó do tempo  
Paira a palavra ainda por dizer.

Suspensa no ar, a nuvem invisível do verso espera,  
Enquanto em algum lugar  
Uma taça se quebra em sacrifício  
A tudo que não se pôde exprimir.





### **Ariadne**

Labiríntica é a solidão  
Portas que emulam a esperança  
Umbrais rotos viciados na espera  
Há gatos, um lobo e dias  
Que só encontram as noites.



Pelo sertão há o rastro do mar-ainda  
E a sede de água nova norsteia  
Tonteia  
Nauseia  
Nubla a busca pelo sempre-mar.

E se todas as águas correm  
Ao sabor da ancestral maré  
Não tardo em querer  
— Mar que há dentro  
Querendo haver.



Todo dia, o mesmo gesto mecânico  
— A esperança quase diluída no cotidiano  
E os olhos treinados ao diferente  
Decodificam apenas o trivial.



## **Cinzas**

Tudo jaz sobre o tempo  
E para que surjas novamente  
É preciso juntar o pó, o brilho e o suor  
Que deixaste cair a passos largos pelo caminho,  
E ultrapassar o ar em suspensão.  
Só assim, de novo, acordarás  
Para a vida que nunca acabou.





[Para Maria Lúcia Dal Farra,  
depois de ler *Terceto para o fim dos tempos*]

Antes,  
Apesar de tudo  
Éramos.  
E nem o pano puído na mesa  
Os remendos na alma  
Nada poderia nos deter.

Antes  
Havia palavras  
E elas catapultavam sonhos.

Hoje cimento, tijolo, salitre.  
E ninguém apostaria na beleza que existiu ali.



Depois que tudo passou  
As bocas emudeceram  
E o coração, igual a um tambor furado,  
Não reverberou nada e calou-se tudo.

Depois que tudo acabou  
Nenhuma boca ousou dizer nada  
E o coração esmolambado  
Bateu mudo, feito um tambor rasgado.



Corifeu da Solidão,  
O Silêncio  
Oficia o rito.



No coração dos minutos  
Os segundos  
Em inúmeros milésimos  
Somando-se sem cessar.

No coração das horas  
Os minutos  
Orquestrando as batidas de segundos.  
Somando-se sem cessar.

Nunca nada os arrefeceu,  
Sempre o mesmo passo.

No meu coração  
Estão todas as horas,  
Todos os minutos,  
Todos os segundos  
Desse dia que demora.





Um raio cai duas vezes num mesmo lugar  
Numa mesma casa  
Numa mesma família.



**Sertão**

O céu parindo estrelas  
Consolava o terror  
Dos dias de todo sol.



## **Lisboa**

Um terremoto nunca acaba:  
Há sempre algo daquele dia  
Que faz tremer de novo.



## **Barcelona**

Uma santa chora  
Pelo triunfo da outra.  
Eu não, aproveito a chuva,  
Vou por vielas e becos  
E, de chofre,  
O dedo de Colombo aponta para o mar.





||

*À noite, ébrios  
Tudo parecia  
Sublime.*



**Antífona**

Estamos debaixo dos teus pés,  
Doce cruel Desejo.  
Não olvideis que a carne de prazer  
Crispa de dor.



Agora meu desejo ganha asas  
E não fico em paz.  
De mim  
E a partir de mim  
Se expande.

— Estou assustado:  
Meu desejo é maior do que eu.



Eu, atrapalhado e ansioso,  
Penso na tua beleza.  
E penso  
Penso  
Penso.  
Mas eu continuo aqui, parado,  
Com as minhas mãos.





Imagino-te, amante ignoto  
Nos fluidos das tardes tépidas  
Descendo à noite, sem darmos conta.

Imagino-te assim,  
Sem me dizeres uma palavra

(— Apenas eu no teu peito, imóvel,  
Como se tudo o que fosse importante  
— Desaparecesse).



Antes da graça, os sinais:  
Atraíste-me para teu reino  
E estavas prestes a ser.  
Tudo se umidificava  
Como se a água nova  
Demonstrasse que vinhas,  
Que já eras teu.

Nada pensei, segui.  
Estavas prestes a te ver.  
Disso eu já sabia.



Como um deus novo surgiste  
Intrépido e ávido  
E, prontamente, detive-me de rastros a teus pés.  
Submete-me a teu cetro  
E à tua vontade,  
Para que conduzas minha cabeça  
E me faças merecer a dádiva miraculosa  
Que jorra de ti.



Agora que és  
É imperioso que te espere.  
Mas não tardes  
Que os homens adoram qualquer deus  
Na ausência de Deus.





Tantas vezes nunca mais  
Tantas vezes o último.  
Mas sempre volto com gosto de arrependimento.

Sem me arrepender  
Quero absolvição.  
— Escrevo para poder sentir que estou vivo.  
Menti cedo  
Fiquei intransponível.  
Mamãe sabe que posso amar  
E fica aterrorizada  
Sabe que posso tudo.



Agora me organizo:  
Homem sério com pasta na mão  
Se fazendo de autoritário.  
O que é rígido agora  
É a técnica com que trato minhas perdas.  
Organizado, faço um índice.

Perdi o prumo  
E guardei minha história fantasiosa  
De homem sério.



Amante ignoto,  
Todas as tardes devem  
Ter o teu cheiro.



Compreende Homem:  
A Arte já feriu meu coração  
E o que te dou nas mãos  
É perfume, espinho, dor, sangue e prazer.  
E só te peço que sintas  
Sintas, Homem.





Deram-se as mãos  
E já não se deixaram mais.  
Deram-se as bocas  
E permaneceram.  
Deram-se. E são.



Lépido,  
Tépido,  
Intrépido.

— Assim é o teu amor.



Lírico e loquaz  
Era o meu amor.  
O teu calado e atento.

Bastava que te chamasse  
E nada mais era dito  
Somente a toada de sons  
Que inevitavelmente escapavam.



Ninguém nunca saberá  
Desvendar o instante  
Em que se desmancham  
As amarras, ruídos e pormenores  
Quando somente nós  
Existimos no mundo.





### **Coreografia**

No teu passo  
O meu salto  
Nas tuas pernas  
O meu trampolim  
No teu corpo  
O meu bailado.



**Paraíso**

Meu amor,  
Nenhum anjo te expulsará  
Por comeres do meu fruto.



Diante de ti  
Penso no deus  
Nos teus pais  
Ou em qualquer coisa  
Que se conjurou para te formar  
E agradeço, rapidamente,  
A tudo isso  
Antes de mergulhar.



Amiúde,  
Entramos no oculto de nós  
E tecemos noites  
De seiva e dulçor.  
Às vezes fazemos de sol  
O quarto fechado  
Tão quente e luminoso  
Que amanhece a casa inteira.





### **Da Vontade**

Como seria aquela noite  
Em que teu braço se enlaçaria no meu?  
Eu te diria vens e tu consentirias.  
Tudo seria rútilo, quente, precioso.  
Teu amor verdejaria as estepes secas  
E todas as manhãs teriam cheiro de sim.



Hoje acordei primeiro  
E dormias plácido:  
Braço elevado  
Axila à mostra.  
Teu sexo rijo  
Mas a cara sem desejo  
De modo que eu ardia  
E admirava,  
Com vontade de reter  
E de atacar.



Entre nós  
Não há nada  
Nem os deuses  
Nem os outros.  
Somente nós  
Nus  
A nós.



Da fresta da porta  
Uma luz qualquer  
Silhuetavam-lhes os movimentos  
E regalavam a ambos,  
Absortos de júbilo,  
O prazer recíproco  
De perceber, um no olho do outro,  
A entrega incipiente  
Que começavam a arquitetar.





Haverá o dia que de tão perto  
Estaremos um dentro do outro  
E nada mais será necessário  
Nem urgente  
Nem importante.



Estirado,  
Lânguido  
E de olhos fechados.  
Eis tu, depois de ser  
Todo meu.



Um amor que poderia ter sido  
Nunca acaba.  
Ele vive nos retratos  
Nos goles, na intenção do cigarro  
E, sobretudo,  
Na teimosia da memória:  
— Traída por não ter vivido  
Inventa uma vida que não foi.



Canto meu desejo,  
Respeito minha voz.  
E não é de fogo, nem de festim  
É de carne o meu desejo.





## **Intimidade**

Aqui, onde não inventamos  
As histórias triviais do quotidiano  
E desmontamos as medidas diárias.

Aqui, onde somos nus  
Sem espasmos  
Nem espantos.



Nada exprimirá  
À exatidão  
O instante,  
O pulso  
O espasmo  
A explosão  
De quando caímos  
Inertes  
Um em cima do outro  
No colchão.



Quando tudo for  
Lembrarei desse momento.  
Às vezes parece que tudo é  
Sem que nada tenha sido.



Não te prendas  
Nunca a mim:  
Nosso amor é  
A minha mão  
Na tua mão.  
Somente.





Mas era manhã  
E a cabeça tonta  
Não sabia  
Se era uma esperança  
Ou um fim.





*De manhã  
Tudo é ambíguo.*



À noite o céu ainda era azul.  
Naquele verão tudo parecia azul.

Mas os deuses nos dão a experimentar,  
Por capricho no castigo,  
Aquilo que vão nos tirar depois.



Súbita a manhã  
Irrompendo em feixes de luz  
O nosso mistério.  
Nada nos afetaria:  
Tínhamos o álcool, a noite e a efêmera promessa.

Mas é de manhã  
E cada um precisa cuidar do segredo que não disse  
E das urgências que adiaram.





## **Ausência**

Não és  
Mas a ideia de seres  
Dói-me por não existires  
Como se tudo o que é real  
Fosse condicionado ao futuro  
E o presente apenas um espectro  
Que será.



Contou-lhe de todas as vozes  
E dos medos.  
Enfim, abriu a um estranho  
Seu impassível coração.

Depois disso, o mal já estava feito:  
Apaixonaram-se!  
Mas nenhum foi feliz.

O medo daquela confissão  
Parecia estragar tudo.



Amamo-nos ali  
Sem pudor, depressa.  
A urgência do teu corpo  
Encontrou a urgência do meu  
E tudo fez-se.

Éramos!  
Até que cada um  
Cuidou apenas de ser.



Se meu peito não partisse  
Na malvada hora  
E se a tristeza não chegasse,  
O pensamento, talvez,  
Se acalmasse  
E a luz distante da hora certa brilharia  
E eu, que ando errado, ao acaso  
Estaria certo  
Na hora feliz.





Queria tudo:  
A fama, a glória, o amor.  
E teve, por benefício ou castigo de um deus qualquer,  
Sem cuidar que tudo o que ansiava  
Era o prenúncio da ruína que nunca desejou.



No retrato estamos cristalizados  
Imunes à gravidade  
Salvos do Tempo.  
No entanto, não existimos mais.  
Éramos belos  
Somos etéreos.  
Nada.



Amanhecemos.  
Ainda tentamos tecer uma carícia  
Ou algo que aplacasse o desconforto.  
Certamente não nos veríamos mais  
Apesar de dizermos o contrário.



## IV

*O tempo solidifica cacos de vidro.  
À luz de tão longínqua memória  
Parecem cristais.*





### **Poética**

Busco as palavras  
Na tentativa das frases  
Num jogo de perceber o que virá  
Mas a ideia movediça, amorfa  
Desintegra-se à concretude do verbo  
E sempre perco.



### **Primeira Tentativa**

Penetro nas fendas das Palavras  
Para tentar entrever o oculto delas  
Mas insondáveis são os caminhos do verbo.



## **Última Tentativa**

Sempre tento

A precisão.

Mas não há palavras para tudo.



I

O Tempo solidifica a lembrança  
Até sublimá-la ao esquecimento.  
E o mistério nunca se desvenda:  
Se é dádiva ou castigo  
O caminhar da memória ao olvido.

II

O que foi é.  
Eis o paradoxo da memória.





Os deuses nunca admitem que erram:  
Refundam histórias, reverterem a ordem  
E organizam o acaso.

Assim, os mortais escapam.



Quando Vênus volveu o olhar  
Não cuidou da confusão que engendrou  
E o amor derramou-se  
Em ânfora incerta.

Sem saber se excedo ou falto  
Espero: gota e mar.



Qual deus, em torpe vingança,  
Guarneceu-me de desejo,  
Fiou a trama dos dias  
E conduziu-me a teus atalhos?

Só para caçoar de mim,  
Deus mesquinho,  
Foi que apontaste-me a Estrada de Damasco.  
Iludiste-me, para teu deleite perverso,  
Que eu desfazeria o nó,  
Que puxaria a espada presa à pedra.



### **Equação do Mito**

Deixar de ser  
Para ser.





No começo Sísifo pensou  
Maneiras de escapar  
Mas percebeu logo  
Que a eternidade  
É um pavor que os homens  
Só desejam por não poderem ter.



Sísifo não enlouqueceu  
A maquinaria dos seus braços  
Acostumou-se ao peso da pedra  
E montanha acima  
Todo dia, sem fim,  
Nunca pensa que será a última vez.



Sem fim, sem glória, Sísifo repete a lida.  
A tautologia do ritual  
Não especifica o gesto.  
No entanto, todo dia,  
Esmera-se no processo inócuo  
De bem cumprir o seu dever.



## **O Outro**

I

O Tempo descose a narrativa  
E urde ao seu turno  
Com linha de eternidade  
A história que lhe aprouver.

II

Sabia Narciso, embriagado pela Beleza,  
Que o rosto refletido no rio  
Era a sua própria desdita?





**Bala de Prata**

Acostumado a quedar  
Tudo a seus pés  
O Tempo não vence a Arte.



**Teseu**

Depois da vitória

Do auge

Do gozo

Nada é como fora prometido.



### **Poesia para Eco**

Esse amar loucamente  
Que te consumiu a vida  
Esse ódio que levou o outro à morte  
Esse morrer poucoamente.

De ti restou o fantasma  
Eco de uma voz  
Que calada  
Sofreu e mendigou.

— O amor foi avesso contigo  
E tu, cruel com teu amor.



**Conto sem Fadas**

Sempre o mesmo desfecho:  
O Tempo ganha no final.





## **Amanhã**

Amanhã

Serei o que quero ser

A resolução firmada

O primeiro passo ao triunfo

Os aprendizados à mostra.

Amanhã

Conjuração de tudo o que é hoje

Tempo supostamente flexionando para melhor.

Amanhã

O meu atestado de ruína presente

A desculpa fácil

Isca de sonhos a realizar.

Amanhã

O passado que não deixa de ser.

Amanhã

Onde tudo o que foi será

Sucessivamente,

Para sempre.

Amanhã.



Em silêncio  
O Tempo prepara seu plano  
E induz os homens à sedição.  
Depois, como resposta à revolta que se erigiu,  
Oferece atalhos  
Para, novamente, cairmos na armadilha.



## NOTA BIOGRÁFICA

Jonas Leite nasceu em 1987, em Cuité, Paraíba. Estudou Letras na Universidade Federal de Campina Grande e Direito na Universidade Estadual da Paraíba, onde também fez pós-graduação. É poeta e professor de literatura no ensino superior. Agora, com o apoio da Prefeitura Municipal de Campina Grande, publica seu primeiro livro de poemas, o *Itinerário do Tempo*.

*Em silêncio  
O Tempo prepara seu plano  
E induz os homens à sedição.  
Depois, como resposta à revolta que se erigiu  
Oferece atalhos  
Para, novamente, cairmos na armadilha*

Apoio:

LEI ALDIR BLANC  
NA PARAÍBA

SECULT  
Secretaria de Cultura da  
Campina Grande



MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA



PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-5869-211-9

